

“(...) que sejamos armados pelas armas do criticismo e da consciência dedicada.”

Editorial

Eduarda Fernandes Lima

Eduardo Cação das Neves

Isaac Gabriel Silva

DOI: 10.11606/issn.2318-8855. v13i1222-259

As publicações acadêmicas têm grande importância na vida universitária - especialmente no começo desta jornada. Já na graduação, temos nosso primeiro contato com a pesquisa e, desde o início, sabemos que publicar nossas produções não é apenas um meio para construirmos currículos e seguirmos nessa carreira, mas também é base do próprio debate científico. Publicações são os blocos que constroem a ciência. No entanto, além de autores, podemos atuar como editores, uma vez que os pesquisadores também são aqueles que formam os quadros editoriais das revistas e periódicos acadêmicos. E assim como a primeira publicação é de enorme importância para um aluno de graduação iniciando sua carreira, fazer parte do corpo editorial de uma revista científica é uma experiência que possibilita a construção de nossas trajetórias e contribui para um novo olhar sobre a produção científica.

A Revista Epígrafe, fundada em 2013, é feita por alunos de graduação e para alunos de graduação. Um projeto que surgiu da vontade de jovens pesquisadores da Universidade de São Paulo de possibilitar o acesso às pesquisas realizadas por

“(...) que sejamos armados pelas armas do criticismo e da consciência dedicada.”

estudantes nos vários departamentos de História existentes no Brasil afora. Há onze anos, publicamos artigos, entrevistas, ensaios e resenhas produzidos por graduandos da área de história, dando oportunidades para autores estreantes que sonham em trilhar o árduo caminho da ciência. Nossa Revista é colaborativa e de livre acesso, como a ciência deve ser e como desejamos que a universidade seja. Editores, pareceristas, revisores, autores... Todos nós estamos iniciando nossas carreiras, trabalhando e construindo juntos um projeto que busca defender a ciência acessível e de qualidade para todos. O trabalho na Epígrafe é também a primeira experiência de muitos dos nossos editores, um marco importante para nossa trajetória acadêmica bem como o é para os autores que publicam conosco.

Fazer parte do corpo editorial da Revista é uma experiência única e uma grande responsabilidade - há muitas tarefas entre a submissão e a publicação. É um trabalho em equipe, que exige pesquisa, conversa e muito aprendizado. É uma mudança de perspectiva sobre o fazer científico e exige um enorme compromisso com nossos autores e leitores. Muitos não sabem, mas o trabalho que realizamos na Epígrafe é voluntário para todos os envolvidos e, felizmente, muitos estudantes continuam acreditando nesse projeto, permitindo que ele continue existindo. Este editorial é simbólico nesse sentido pois marca uma mudança radical no nosso corpo editorial: até o final de 2024, a Epígrafe contará com uma nova comissão discente. Para que pudessem seguir adiante, seja rumo ao Mestrado ou para construírem sua própria história para além dos muros da Universidade, os antigos membros da nossa Revista precisaram se despedir do projeto, abrindo espaço para uma nova geração de estudantes, que certamente irão inspirar grandes transformações na Revista, sem nunca deixar de acreditar no caráter democrático e colaborativo que baseia nossos valores. Esse processo de mudança foi - e tem sido - muito trabalhoso, porque exigiu

Eduarda Fernandes Lima, Eduardo Cação das Neves e Isaac Gabriel Silva

que parássemos nossas atividades regulares para olhar um pouco para tudo o que temos feito até aqui e pensarmos onde queremos chegar nessa nova fase da Epígrafe. Foi um processo de diálogo intenso entre duas gerações de graduandos, com diferentes ideias e referências, e esse editorial - assim como a presente edição - é resultado desse trabalho conjunto.

Para os novos integrantes da Revista, a responsabilidade assumida se mostrou tremenda, e algumas das situações que se apresentaram durante a realização do processo editorial foram, por vezes, bastante desafiadoras. Apesar disso, sempre foi possível contar com os membros mais antigos, que se esforçaram ao máximo para fazer do momento de transição do corpo editorial o mais tranquilo possível, mesmo diante de diversas turbulências.

Como é sabido por todos aqueles que estão inseridos no mundo acadêmico, ou que tentam adentrá-lo, fazer ciência no Brasil é algo extremamente difícil. Devido à falta de bolsas de incentivo suficientes para atender toda a demanda, e ao descrédito que as diferentes áreas das ciências - e principalmente, as humanidades - sofrem cotidianamente, o panorama geral é, muitas vezes, desmotivador para os jovens cientistas. O trabalho editorial não escapa desse cenário, e revistas discentes como a Epígrafe, apresentam desafios inerentes à sua composição. Nós, editores graduandos, lutamos para conseguir equilibrar as atividades da Revista com as demandas da graduação, do mundo do trabalho e de nossas próprias pesquisas. Tamanho esforço só é possível e só vale a pena pela fé que possuímos na produção acadêmica como um fator fundamental para a construção de um mundo novo, enquanto elemento transformador da realidade.

Mais do que nunca, sabemos a importância de cultivar e defender espaços de divulgação científica como o que a Revista Epígrafe proporciona. Em 2022,

“(...) que sejamos armados pelas armas do criticismo e da consciência dedicada.”

conseguimos derrotar a extrema-direita na eleição presidencial, mas estamos longe de nos vermos livres de sua ameaça de forma definitiva. A realidade é que ainda vivemos em um país onde a epidemia de *fake news* e revisionismo parece não ver fim e estão se potencializando com avanço sem precedente das Inteligências Artificiais (IAs), uma ferramenta com muitas possibilidades e que ainda estamos longe de aprender a dominar. Como sabemos, em momentos assim, as ciências humanas são os principais alvos de ataque e deslegitimação. Mas, afinal, qual o papel de nós, historiadores (e editores), em face desse cenário desolador? Qual o papel das publicações e periódicos acadêmicos em um mundo digital dominado pela desinformação? Essas perguntas não são simples de serem respondidas, se mantendo acesas nos debates historiográficos recentes.

Porém, falar sobre isso em 2024 é fundamental, porque esse ano marcou um momento importante nas disputas eleitorais em todo o mundo e, nos últimos anos, observamos um espiral de destruição nunca visto - nos mais diferentes sentidos - coordenado por políticos e grupos extremistas que ocupam posições de poder no mundo todo. No primeiro semestre, por exemplo, a Europa realizou suas eleições para o parlamento e os partidos de extrema-direita saíram vitoriosos com a maioria dos assentos. O mesmo pôde ser observado em diversas eleições locais. Nos Estados Unidos, por sua vez, observamos aflitos uma disputa presidencial que ameaça colocar Donald Trump novamente no poder. Já no nosso quintal, os brasileiros retornaram às urnas para as eleições municipais, mas os resultados também não foram tão animadores quanto os dos nossos vizinhos do hemisfério norte. Para aqueles que acompanharam os debates e propagandas eleitorais Brasil afora, o que mais observamos entre os candidatos de extrema-direita foram mentiras absurdas sendo

Eduarda Fernandes Lima, Eduardo Cação das Neves e Isaac Gabriel Silva

espalhadas pelas redes sociais, acompanhado de revisionismos ilógicos e ataques diretos a grupos sociais marginalizados.

Esse cenário evidencia como, há tempos, a internet tornou-se o principal campo de batalha das disputas ideológicas e, infelizmente, a extrema-direita não apenas conseguiu dominar o algoritmo das redes, como tornou-se sua proprietária e, agora, avança a passos largos nessa guerra. Muitos têm culpado os setores de esquerda por uma suposta incapacidade intelectual de utilizar essas mesmas armas no debate, mas não achamos que esse seja o caso. Afinal, como vencer em um jogo na qual o inimigo faz as regras, mas não as dita? Como funcionam os algoritmos e como vencê-los para superar essa onda de desinformação? Essas respostas também não são simples, mas até descobrirmos, não podemos desistir. Mesmo com todas as adversidades, nós, enquanto produtores e divulgadores de conhecimento científico, precisamos lutar pelo nosso lugar nesses espaços, nos apropriando das tecnologias e plataformas e defendendo a importância do pensamento crítico e da metodologia rigorosa na produção do conhecimento. Precisamos nos fazer presentes e ouvidos.

Enxergamos a Revista Epígrafe como resultado desse processo constante de ocupação e resistência, e acreditamos que ela (assim como outros periódicos espalhados pelas universidades brasileiras) seja uma plataforma indispensável para a difusão do saber científico produzido dentro da historiografia e, conseqüentemente para a defesa do estado democrático no qual opera a produção científica. É nesse papel fundamental que depositamos nossa esperança enquanto jovens editores, pesquisadores, historiadores, e enquanto cidadãos. É para que esse canal de comunicação permaneça aberto, que a Comissão Editorial segue lutando, mesmo diante das dificuldades. Cada um dos novos artigos, resenhas e ensaios publicados na Revista Epígrafe, representam uma vitória da ciência em tempos de barbárie, e cada

“(...) que sejamos armados pelas armas do criticismo e da consciência dedicada.”

uma dessas vitórias faz valer a luta. Junto com diversas outras plataformas acadêmicas resistimos em meio ao caos da desinformação, criando raízes sólidas e frutíferas.

Mais que uma introdução à atual edição, este escrito visou explicitar que, mesmo com as mudanças no corpo editorial, a Comissão se compromete a preservar e continuar os esforços de todos os editores que passaram pela Revista para auxiliar na construção de um ambiente científico inclusivo e democrático. Além de destacar a importância do nosso trabalho enquanto preservadores desse espaço fundamental do mundo acadêmico.

Por fim, antes de seguirmos para os artigos que poderão ser lidos a seguir, gostaríamos de abrir espaço nesse editorial para destacar, em especial, a questão do genocídio palestino, que teve uma vertiginosa escalada desde o final do ano passado e nós, enquanto historiadores em formação, não podemos deixar de nos atentar ao que vem acontecendo. Hoje, somam-se milhares de mortos, desaparecidos e feridos por toda Gaza e regiões vizinhas. Não estamos falando de supostos terroristas, como a narrativa israelense busca defender, mas de civis: crianças, homens, mulheres e idosos que lutam por suas vidas apenas com o sentimento de esperança e resistência enquanto são, literalmente, soterrados por uma máquina colonizadora brutal, financiada pelas grandes potências mundiais. Como o intelectual palestino Edward Said já nos salientou: “Nós não podemos lutar pelos nossos direitos e pela nossa história, assim como pelo futuro, sem antes nos armarmos com as armas do criticismo e da consciência dedicada” (Tradução nossa)¹. Um dos nossos papéis enquanto historiadores e futuros historiadores talvez seja exatamente esse: auxiliar

¹Original: “We can not fight for our rights and our history as well as future until we are armed with weapons of criticism and dedicated consciousness.”. SAID, Edward W. *The End of the Peace Process: Oslo and After*. In. **Vintage**, 2007. p.233.

Eduarda Fernandes Lima, Eduardo Cação das Neves e Isaac Gabriel Silva

na formação do criticismo e na tomada dessa consciência e, para isso, voltamos ao que discutimos anteriormente: Precisamos nos fazer presentes e ouvidos. Precisamos ocupar espaços e expandir nossas produções para além do ambiente acadêmico.² Em momentos como esse, marcados por genocídio e destruição, precisamos estar armados com nossos argumentos para falar em prol e dar voz às vítimas.

A capa da presente edição busca, na medida do possível, homenagear e evidenciar a importância da resistência palestina nesse momento. O slogan “Do Rio ao Mar”, destacada no centro da capa, foi usado pela primeira vez em 1964 pela OLP (Organização para a Libertação da Palestina) e carrega consigo o peso de uma luta que perpassa gerações e o sentimento de esperança de um território palestino unificado e independente, em que seu povo possa caminhar sem medo das margens do Rio Jordão até às águas do Mediterrâneo, assim como foi por séculos. Já a melancia tornou-se um símbolo de resistência palestina frente à censura imposta por Israel e outros governos ocidentais. Como explica brilhantemente a poeta americana Aracelis Girmay em seu poema “Ode to the Watermelon”³, a fruta foi escolhida pelo povo palestinas pelas suas cores, que espelham a bandeira:

*“(...) in Palestine,
where it is a crime to wave
the flag of Palestine in Palestine,
watermelon halves are raised
against Israeli troops
for the red, black, white, green*

² Aproveitamos também a oportunidade para convidar nossos leitores a conhecer o Centro de Estudos Palestinos (CEPAL), que foi inaugurado esse mês na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A fundação deste centro representa um passo importantíssimo para o avanço das discussões sobre a causa Palestina no Brasil e no Mundo.

³ GIRMAY, Aracelis. Ode to the Watermelon. In. **Teeth**. Connecticut: Curbstone Press, 2007.

“(...) que sejamos armados pelas armas do criticismo e da consciência dedicada.”

of Palestine. Always,”

Infelizmente, na edição atual não recebemos trabalhos que toquem na história da Palestina e dos palestinos, mas esperamos trazer em breve um dossiê com a temática, visto a importância desse debate. Enquanto isso não se concretiza, na presente edição você poderá encontrar outros artigos com temáticas variadas. Os textos publicados abordam questões como o desaparecimento de vítimas durante a Ditadura Civil-Militar brasileira, as narrativas homéricas em diferentes literaturas, a construção dos discursos históricos no cinema, as disputas políticas pela História e pela Memória, e outros assuntos que serão apresentados a seguir.

O ensaio *“Caronte Ocioso: ensaio sobre mortos e desaparecidos políticos”*, de Vinicius Panisset, abre a edição. Nele, o autor analisa a privação de rituais fúnebres como uma das consequências do desaparecimento forçado de opositores durante a Ditadura Civil-Militar, identificando nessa privação o prolongamento da dor pelos familiares das vítimas. Ainda sobre aqueles que caíram na luta pela justiça social, o texto *“Memória e disputa em torno do legado de Marielle Franco: a(s) placa(s) como lugar de memória”*, escrito por Kíria Samanta da Silva e Ingrid Rocha de Sousa, investiga as disputas pela memória de Marielle Franco, assassinada em 2018. O escrito investiga se a fixação de tais placas em homenagem à vereadora acaba por se tornar um “lugar de memória”, conforme conceituado por Pierre Nora (1993). O artigo questiona se as disputas em torno das placas, bem como a identificação de grupos políticos, movimentos sociais e minorias com o legado da vereadora, permite a classificação das “placas” como tal.

No âmbito dos embates pela escrita da história, o artigo *“As semelhanças e diferenças no discurso sobre História nas plataformas ‘Brasil Paralelo’ e ‘Guia do Politicamente Incorreto’*”, de Marina De Almeida Spinola, busca compreender as

Eduarda Fernandes Lima, Eduardo Cação das Neves e Isaac Gabriel Silva

diferenças e semelhanças entre os revisionismos ideológicos feitos pela direita no Brasil, especificamente pelo Guia do Politicamente Incorreto e pelo Brasil Paralelo.

O artigo "*O socialismo africano: a ruptura sino-soviética e a questão nacional*", de autoria de Luiz Eduardo Larrosa, se debruça sobre a influência do conflito sino-soviético no processo e descolonização do continente africano, analisando as suas determinações históricas e geopolíticas, e os impactos do conflito no ideário pan-africanista. O texto traça um panorama entre as imposições e apropriações do socialismo no continente africano, ao mesmo tempo que problematiza a ideia hegemônica de um conflito entre o comunismo e o imperialismo, evidenciando as cisões internas entre os dois gigantes socialistas.

Acerca das relações entre história e cinema, o artigo "*O cineasta e o historiador: imaginação histórica e visões da nação em Paixão dos Fortes (1946)*", de Guilherme Colombara Rossatto, parte de uma avaliação do faroeste como gênero cinematográfico atrelado ao discurso nacional dos Estados Unidos, para examinar a forma como o filme *Paixão dos Fortes* (1946) de John Ford lida com essa temática e por meio da ficção, consolida velhos mitos nacionais e oferece interpretações que, por meio da ficcionalidade, extrapolam a história e as explicações historiográficas.

Saindo da História Contemporânea, o texto "*Abjurados e instruídos: a repressão ao protestantismo em Portugal e suas possibilidades historiográficas*", de Matheus Jesus de Santana, utiliza da bibliografia acerca das inquisições ibéricas, da Reforma Protestante, das formas de exercício do poder e um conjunto de 263 processos inquisitoriais com a acusação de luteranismo, para conjecturar como a perseguição religiosa aos protestantes ocorreu em Portugal nos séculos XVI e XVII. Ainda no âmbito da história portuguesa, "*Emendar e prescrever: A ação pastoral de bispos do norte de Portugal entre finais do século XV e início do XVI*", de Diovani Matheus Marques,

“(...) que sejamos armados pelas armas do criticismo e da consciência dedicada.”

analisa as constituições sinodais promulgadas por D. Luís Pires e D. Diogo de Sousa, num contexto de fortalecimento das políticas catequéticas em diferentes dioceses de Portugal. A partir do mapeamento das críticas feitas pelos sacerdotes à cristandade, o autor investiga o espaço reservado às vidas dos leigos nessas produções e busca compreender o papel que era atribuído aos exercícios devocionais presentes nesses documentos.

Já no campo da literatura e suas relações com a História, em seu artigo *“As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a Ilíada e O Último Olimpiano”*, Aryella Pereira analisa a obra de Rick Riordan, *“O último Olimpiano”* a fim de comparar, a partir dos preceitos do herói homérico da Ilíada, seus próprios heróis e Percy Jackson, para assim investigar o potencial da literatura infantojuvenil como um instrumento de compreensão das sociedades antigas. Em *“A Cultura Afro-Brasileira através da literatura: as ligações entre Torto Arado e o Ensino de História”*, Claraelisa Mariano parte das perspectivas de Antonio Celso Ferreira e de Antonio Candido para demonstrar a viabilidade da utilização do romance *“Torto Arado”*, de Itamar Vieira Junior, no Ensino de História, e apontando nessa relação uma forma de transgredir as fronteiras entre História e Literatura, trazendo os estudos históricos para a realidade dos alunos.

Esta edição conta também com uma resenha, intitulada *“Por outro amanhã: a história comparada e novos caminhos para construir o futuro”*, de Gabriela Ramos, que versa sobre a obra *O despertar de tudo: Uma nova história da humanidade*, de David Graber e David Wengrow, publicada pela Companhia das Letras em 2022.

Por fim, a presente edição se encerra com uma entrevista realizada com Anita Fattori, doutoranda do programa de História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Doutor

Euarda Fernandes Lima, Eduardo Cação das Neves e Isaac Gabriel Silva

Marcelo Rede e da Professora Doutora Cécile Michel, da Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne com a pesquisa "Mulheres e Redes Comerciais na Assíria dos séculos XX e XIX AEC".

A entrevistada compartilhou com a Epígrafe os caminhos que percorreu durante a graduação, sua experiência atuando como professora de História do Ensino Básico, seu ingresso na pós-graduação e as oportunidades que teve de participar de escavações arqueológicas na Turquia. Além disso, Anita relata as dificuldades que enfrentou para estruturar suas pesquisas sobre as mulheres na Antiguidade Oriental, as influências de diferentes autoras em seu recorte de gênero, e tece reflexões acerca da atual situação dos estudos sobre o Antigo Oriente-Próximo no Brasil.

A Comissão Editorial da Revista Epígrafe deseja uma boa leitura a todes!

São Paulo, 24 de outubro de 2024.